MERCADO DE LÁCTEOS NO BRASIL

César Augustus Winck[1], Carlos Eduardo Carvalho[1], Jeancarlo Zuanazzi[2]

RESUMO
A pesquisa apresentou como propósito um diagnóstico, por meio de levantamento de informações bibliográficas, dos dados econômicos da cadeia Láctea no Brasil. A pesquisa teve como objetivo descritivo, caracterizando a evolução da produção, industrialização, importação, exportação e consumo de leite, vacas ordenhadas, produtividade, preços recebidos pelos produtores e a relação entre leite formal e informal nos anos de 2000 a 2005. O Brasil apresentou um crescimento de 13,6%, na produção de leite nos últimos cinco anos, acima do crescimento mundial que foi de 7,7% no mesmo período, representando o maior crescimento, com relação aos cincos principais produtores mundiais de leite. Dentro da geografia produtiva brasileira a região sudeste é a maior produtora de leite nacional, a região sul é a segunda maior produtora, e juntas produzem cerca de 60% da produção nacional. O estudo mostra que, a produção de leite aparece como fonte de renda extra nas empresas familiares e de pequeno porte, torna-se de vital importância criar políticas que estruturem, e protejam os produtores, para que produzam leite de qualidade, obtendo lucro e mantendo-se no meio rural, evitando o êxodo rural. O setor passou por momentos difíceis no passado, e conseguiu se recuperar revertendo à balança comercial de lácteos de negativa para positiva e, aumentou sua produtividade por animal ordenhado, mostrando um desenvolvimento considerável, em técnicas produtivas, porém, está muito abaixo dos níveis produtivos dos países desenvolvidos.
Palavras – chave: leite; economia; cadeia produtiva.

ABSTRACT
The project presented as intention a diagnostic research by means of survey of bibliographical information, of the economic data of the Lacteal chain, in the world, Brazil and Santa Catarina. The research had as objective description, characterizing the evolution of the production, industrialization, importation, exportation and consumption of milk, milked cows, productivity, value received for the producers and the relation between formal and informal milk in the years of 2000 the 2005. Brazil presented a 13,6% growth, in the milk production in the last five years, above of the world-wide growth that was of 7,7% in the same period, representing the biggest growth, with regard to the world-wide producing main five of milk. Inside of Brazilian productive geography the Southeastern region is the producing greater of national milk, the south region is the second producing greater, and meetings produce about 60% of the national production. The study sample that, the milk production appears as source of extra income in the familiar companies and of small transport, one becomes of vital importance to create politics whom they structuralize, and protect the producers, so that they produce quality milk, getting profit and remaining themselves in the agricultural way, preventing the agricultural exodus. The sector passed for difficult moments in the past, and obtained to recover reverting to the trade balance of milky of refusal for positive and, it increased its productivity for milked animal, showing a considerable development, in productive techniques, however, it is very below of the productive levels of the developed countries.
Key - Word: milk, economic, productive chain

[1] Professor da Universidade do Contestado – UnC (Curitibanos/SC)
[2] Professor da Faculdades Exponencial – FIE (Chapecó/SC)

APRESENTAÇÃO

O mercado de leite no Brasil é um dos assuntos pertencentes à agropecuária e ao abastecimento alimentar que mais suscita polêmica entre os agentes da cadeia de produção.

Desde meados dos anos 80, a cadeia produtiva de lácteos no Brasil vem enfrentando mudanças importantes. Decorrentes das mudanças econômicas e comportamento do mercado consumidor, em toda parte do mundo entre eles as principais transformações, como a crise dos tradicionais mecanismos de política agrícola, a desregulamentação dos mercados, a abertura econômica ao exterior e a formação de blocos econômicos, os quais vêm definindo novas relações entre seus segmentos, exigindo outras posturas dos setores públicos e privados.

Com a era da globalização que gerou um estreitamento nas fronteiras econômicas e com os avanços tecnológicos que facilitaram todas as logísticas de produtos agrícolas, tornou-se maior a concorrência com outros paises, e com o setor lácteo não é diferente.

Saber a situação de cada setor é imprescindível para a adaptação do mesmo. A análise do fluxo comercial e produtivo em determinado tempo é uma maneira de se prever novos acontecimentos que poderão se repetir nos anos subseqüentes.

O Brasil está se tornando o maior produtor mundial de produtos lácteos e atualmente ocupa a quinta colocação, na produção e a segunda no número de vacas leiteiras, possuindo muitos fatores favoráveis para o desenvolvimento deste setor, como extensão territorial, clima e mão-de-obra.

Esta pesquisa teve como objetivo, analisar o comportamento econômico no setor lácteo entre os períodos de 2000 a 2005.

Através de análise bibliográfica montou-se um histórico econômico do setor, comparando os dados nacionais e mundiais, especificando a sua representatividade do setor na economia, e quais classes econômicas participam nesta área, nos anos propostos.

PRODUÇÃO MUNDIAL DE LEITE FLUÍDO

Do total produzido no mundo, observa-se um crescimento médio na produção de 7,7%, passando de 386.769 para 416.444 milhões de litros (Tabela1).

O Brasil segundo os dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 2006), é o quinto maior produtor mundial, em volume de leite, atrás apenas da União Européia, EUA, Índia e Rússia (Tabela 1), sendo que a Índia está incluída na lista dos maiores produtores, mas segundo Gomes (2006), a bovinocultura da Índia tem poucas qualificações comerciais. Já a União Européia é um conglomerado econômico composto por 25 países e, citado em grande parte das fontes consultadas, como uma única economia.

Dentre os maiores produtores mundiais de leite, apenas a Rússia apresentou redução de 3,88% na produção, do ano de 2002 para o ano de 2005, ocorrendo o contrário do que ocorreu de 2000 a 2002, quando houve um crescimento de 5,01% .

O Brasil apresentou no ano de2005 um crescimento 13,6% se comparado ao ano de 2000, acima do crescimento mundial que foi de 7,7% de 2000 para 2005, apresentando o maior crescimento dos cincos primeiros colocados.

Analisando-se a Tabela 1, a China e a Nova Zelândia apresentam os maiores crescimentos, embora estes dois países estejam longe de ser os maiores produtores. A China cresceu de 2000 a 2005 na sua produção 186%, passando de 8 milhões de toneladas para mais de 23 milhões de toneladas. A Nova Zelândia apresentou um crescimento pouco mais modesto, o qual foi de 25,6% nos anos de 2000 a 2005.

Tabela 1 – Produção Mundial de Leite (Milhares de toneladas)

Países	2000	2001	2002	2003	2004	2005
União Européia*	129.392	130.069	131.040	132.044	131.119	132.072
Estados Unidos	75.929	74.994	77.140	77.253	77.525	78.950
Índia	36.250	36.400	36.200	36.500	37.500	38.500
Brasil	22.134	22.300	22.635	22.860	23.100	25.150
China	8.274	10.255	12.998	17.463	22.052	23.700
Nova Zelândia	12.235	13.162	13.925	14.346	15.000	15.375
Austrália	11.172	10.864	11.608	10.636	10.377	10.500
Argentina	9.800	9.500	8.500	7.950	8.750	9.375
Canadá	8.161	8.106	7.964	7.778	8.000	8.100
Total	**386.769**	**391.409**	**402.266**	**406.582**	**411.330**	**416.444**

Fonte: **USDA – Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, 2006.**
*União Européia é composta de 25 países

A China possui a maior população do mundo, a qual demanda grande quantidade de alimentos, e o leite e seus derivados, estão ganhando espaço na alimentação da população.

Segundo Jank (2005, p. 35). "[...] pela modernização de um país que passou a mudar muitos seus hábitos".

Criando uma demanda maior de lácteos no país, tornando a atividade atrativa para o país.

A China é ainda o território mais populoso e extenso do planeta – um quinto do total da terra -, do qual somente 11% são cultiváveis sendo que 36% desta é formada por pastos e zonas florestais, o que significa certas limitações para explorar a pecuária leiteira. Contribui para isso a degradação dos pastos naturais, a perda de terras aráveis para a produção de grãos para consumo animal, a ausência de vacas com bom potencial de produção e os sérios problemas de disponibilidade de água, o que afeta a sobremaneira a atividade leiteira. (JANK, 2005, p. 35)

Esta afirmação mostra um cenário restrito para o aumento significativo no setor produtivo uma vez que por mínimo de incremento no consumo chinês, precisaria um aumento substancial na produção, fator que estabilizara o crescimento da atividade dentro do país nos próximos anos, revelando-se como um mercado muito interessante.

O alto crescimento da Nova Zelândia deu-se acompanhando pelo crescimento no consumo chinês, visto que grande parte da produção é exportada para China, além de material genético.

Segundo Jank (2005, p. 36)

> "Austrália e Nova Zelândia foram os países mais beneficiados pelo novo cenário, principalmente quando a China suspendeu as importações dos EUA, devido a um registro do mal da vaca louca, em dezembro de 2003".

PRODUÇÃO BRASILEIRA DE LEITE

A produção de leite no Brasil cresceu, significativamente, nos últimos anos segundo. Gomes (2006, p.46):

> "[...] A produção aumentou em média, 3,38% de 1990 a 2004, enquanto a população brasileira cresceu 1,56% ao ano, indicando um aumento na produção per capita de leite, embora não signifique crescimento no consumo per capita, e sim mais pessoas consumindo leite".

Dentro da geografia produtiva brasileira a região sudeste é a maior produtora de leite nacional a região sul é a segunda maior produtora, e juntas produzem cerca de 60% da produção nacional segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2006 (Tabela 2).

Gomes (2006, p. 37),

> ”O principal motivo que leva a região sudeste ser a principal região produtora, é o fato de que os principais mercados consumidores do Brasil, situam-se nesta região, e por conseqüência lógica do agronegócio, concentram-se um grande número de indústrias de lacticínios”.

Entre os Estados da região Sudeste, Minas Gerais ocupou o primeiro lugar na produção de leite, (71%, de toda a produção da região); e o primeiro lugar entre todos os Estados Brasileiros, sendo responsável por 29% da produção nacional. Os estados que mais produziram leite no país foram Minas, Goiás, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.

Tabela 2 - Produção Brasileira de Leite (Mil litros)

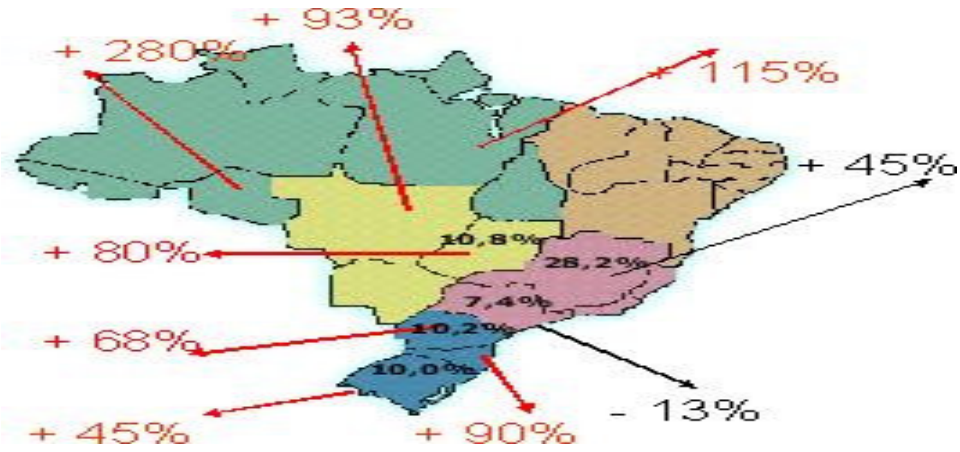
Regiões	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Norte	1.049.769	1.236.608	1.561.895	1.788.420	2.016.538	n.d.
Nordeste	2.159.230	2.266.112	2.366.492	2.605.924	2.829.947	n.d.
Sudeste	8.573.731	8.573.152	9.747.879	8.917.132	9.189.608	n.d.
Sul	4.904.356	5.187.765	5.507.640	5.574.364	5.503.019	n.d.
C. Oeste	3.080.121	3.279.183	3.459.832	3.708.600	3.982.036	n.d.
Brasil	**19.767.207**	**20.542.820**	**21.643.738**	**22.594.441**	**23.521.148**	**25.150.000**

Fonte: IBGE (2006)

Parafraseando Carvalho (2006), o crescimento na produção de leite ocorreu nos Estados com produtividades menores, nas regiões Oeste do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, assim como no Norte do Mato Grosso e outras fronteiras.

A Figura 1 mostra o crescimento de 1994 a 2004 da produção em diversos estados, ficando claro que o desempenho dos estados de fronteira é maior do que o dos estados mais tradicionais como SP e MG.

Figura 1 – Crescimento porcentual da produção de leite de 1994 a 2004



Fonte: IBGE (2005), elaborado por Carvalho (2006).

O pelo principal motivo é a falta de atividades que tragam renda constante como o leite. Uma vez que existe um grande número de produtores em regime de economia familiar, absorvendo, parte dos custos na mão-de-obra familiar nestas regiões.

Analisando a figura 1, percebe-se que, dos estados analisados, apenas o estado de São Paulo apresentou taxa negativa, de crescimento, porém responde por 7,4 % da produção nacional.

NÚMERO DE VACAS LEITEIRAS NO MUNDO

A Índia é o país com o maior número de vacas leiteiras no mundo, sozinha, corresponde por quase 30% do rebanho leiteiro mundial. Sabe-se que a Índia possui a vaca, como animal sagrado, este é o principal motivo deste país possuir o maior rebanho bovino do mundo, e extrair dos animais apenas o leite.

O Brasil ocupa a segunda colocação, com um pouco mais de 15 milhões de cabeças, próximo dos 12% do rebanho mundial. Observando os dados da USDA (2006), constata-se que o rebanho mundial de vacas leiteira vem diminuindo, com exceção de quatro países que aumentaram os seus rebanhos: Índia, China, Nova Zelândia e Egito.

Também, em 2004, a produtividade dos EUA foi de 8.703 litros por vaca/ano, enquanto a do Brasil foi de apenas 1.534 litros, segundo os dados da USDA.

Segundo Gomes (2006, p. 45) "Primeiro existe um grande número de produtores com produção de até 50 litros de leite/dia, cuja participação no total de produção é pequena, o que contribui para abaixar a media da produtividade".

Pode observar-se que o número de vacas leiteiras vem diminuindo (Tabela 3), e a produção vem aumentando (Tabela 1) fator que descreve maior eficiência produtiva pelos países desenvolvidos. Observa-se ainda que as disparidades produtivas são fortes.

Tabela 3 – Vacas Leiteiras no Mundo – Milhares de cabeças

Países	2000	2001	2002	2003	2004	2005
União Européia*	26.101	25.747	25.140	24.690	24.285	23.907
Estados Unidos	9.199	9.103	9.139	9.084	9.010	8.955
Índia	35.750	35.900	36.000	36.500	37.000	38.000
Brasil	16.040	15.900	15.600	15.300	15.200	15.100
China	2.280	2.848	3.420	4.466	5.466	5.600
Nova Zelândia	3.337	3.557	3.749	3.3842	3.920	4.000
Austrália	2.171	2.281	2.369	2.050	2.028	2.042
México	6.800	6.800	6.800	6.800	6.800	6.850
Argentina	2.450	2.450	2.150	2.000	2.000	2.100
Egito	1.315	1.560	1.600	1.610	1.615	1.617
Total	**129.506**	**129.245**	**129.197**	**129.059**	**128.212**	**127.802**

Fonte: USDA – Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (2006)
*União Européia é composta de 25 países.

Em 2004, o número de vacas no Brasil era 69%, maior que o dos Estados Unidos. Todavia, a produção americana foi 235% maior que brasileira. Tais resultados refletem as diferenças de intensidade nos sistemas de produção. No Brasil, predomina os sistemas extensivos à base de pasto, com suplementação alimentar no inverno; no EUA, sistemas intensivos, confinados, a base silagem e ração concentrada. Aqui, merece registro que o custo médio de produção de leite no Brasil é menor que nos EUA. (GOMES, 2006, p. 45)

Todavia a baixa produtividade média do rebanho nacional permite aumentar a produção de leite no país, o que demonstra o grande potencial do Brasil na produção de leite. Segundo Gomes (2006, p.45), "Dos seis maiores produtores mundiais na última década, maior taxa de crescimento anual da produtividade foi apresentada pelo Brasil".

QUANTIDADE DE VACAS LEITEIRAS NO BRASIL

Na conjuntura nacional o número de vacas leiteiras vinha crescendo antes de 2000 e continuou até o ano de 2002 em algumas regiões, como Norte e Centro-oeste, seguindo até o ano de 2003 como mostra a Tabela 4, e desde então houve uma diminuição no número de vacas leiteiras acompanhando o decréscimo mundial. O decréscimo tanto no Brasil quanto no mundo ocorre, devido à profissionalização do setor aonde a produtividade média por vaca vem aumentando.

Tabela 4 – Vacas leiteiras no Brasil – Mil cabeças

Regiões	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Norte	1.360.332	1.434.929	1.505.809	1.540.171	1.505.101	1.499.911
Nordeste	2.469.827	2.521.794	2.532.528	2.518.183	2.444.503	2.409.555
Sudeste	5.269.607	5.325.602	5.251.824	5.165.040	4.751.969	4.461.804
Sul	3.378.495	3.441.803	3.396.902	3.358.152	3.115.361	2.926.520
C. oeste	3.662.622	3.702.116	3.695.342	3.729.358	3.426.998	3.264.414
Brasil	**16.140.883**	**16.426.243**	**16.382.405**	**16.310.904**	**15.243.932**	**14.562.205**

Fonte: (FNP) 2006

A região Sudeste aparece como sendo a região com maior número de vacas leiteiras, logo em seguida a região Centro-oeste. A região Sul ocupa a terceira colocação no número de vacas.

PREÇOS PAGOS AOS PRODUTORES

A produção de leite no Brasil possui características sazonais, ou seja, maior no verão e menor no inverno, e este comportamento têm como principal motivo a produção a base de pasto, o qual predomina no país.

Na estação do verão concentra-se as melhores condições para o desenvolvimento das forrageiras, o que significa maior volume de produção, e conseqüentemente aumento da produção de leite com menor custo, pois nesta época, diminui-se a alimentação a base grãos, o qual representa maior custo.

Segundo Jank (2006, p.49)

> "A combinação de maior produção de leite com menor custo de produção no verão cria condições para reduzir o preço pago ao produtor nessa época, o mercado com uma maior oferta tende a diminuir o preço".

Os preços de 2000 e 2001 são muito parecidos, juntamente com a produção que houve incremento modesto no mesmo período (Tabela 3).

Segundo Marcondes (2005, p.111). "Os principais motivos que mantiveram os preços em baixa, foram às importações brasileiras com custos abaixo dos custos nacionais, e uma acentuada queda no consumo interno".

Em 2002 os preços começam a reagir, e já se pode observar uma leve alta na média do ano, e acompanhado os preços a produção também reage (Tabela 3) neste ano.

Expõem Marcondes (2005, p.134)

> "Os fatores que influenciaram foram crescimentos dos preços dos produtos importados, crescimento das exportações e o principal fator foram o aumento significativo na demanda interna e externa".

No ano de 2003 ocorreu um grande aumento nos preços, 10 centavos por litro na média anual e os motivos foram o aumento significativo na exportação, e a diminuição nas importações, fato que sustentou os preços no ano de 2004, ano que a balança comercial de lácteos tornou-se positiva no Brasil.

Já as quedas dos preços no ano de 2005, o IBGE (2006), aponta a variável que mais atuou neste resultado negativo, a oferta. A captação de leite, brasileiro foi maior que o ano de 2004, embora Santa Catarina diminuindo a produção, pela estiagem, os preços catarinenses acompanharam os patamares nacionais.

A queda dos preços em 2005, além do aumento da produção interna aliou-se à queda do dólar e entrada de leite da Argentina, que culminou com a elevação recorde de 12% da produção formal ao longo do ano, em um salto de patamar só comparável, ou até mesmo superior ao verificado entre 2000 e 2001.

Com a granelização e preocupação crescente com qualidade do leite, a disparidade de preços entre produtores aumentou, abrindo oportunidades para produtores de maior volume de leite e qualidade superior. No Boletim do Leite de junho/julho de 2006, do CEPEA/USP (centro de estudos avançados de economia aplicada da Universidade de São Paulo), verifica-se que no Rio Grande do Sul, por exemplo, os preços máximos atingiram R$ 0,553 ao passo que os mínimos, R$ 0,376 por litro.

A coleta granelizada é uma determinação do Ministério da Agricultura, denominada de instrução normativa 51, criando regras, que garantam a qualidade do leite no transporte para os lacticínios.

A Instrução Normativa nº 51(IN 51), editada pelo Ministério da Agricultura em setembro de 2002, que está em vigor nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste desde 1º de julho de 2005, trata da regulamentação técnica de produção, identidade, qualidade, coleta e transporte de leite no País. (Alvin, 2006)

A granelização para os produtores é o resfriamento do leite em tanques de expansão, reservatórios que resfriam o leite a granel, em grande quantidade, conservando a qualidade por mais tempo, com uma maior segurança.

Há produtores de grande porte recebendo hoje algo em torno de R$ 0,65/litro de leite, isso quando os preços médios no Brasil estão na faixa de R$ 0,50/ litro de leite. Essas diferenças de preços refletem os menores custos de transporte, os menores custos operacionais, a qualidade, a localização do produtor e o poder de negociação, entre outros.

O ponto em questão, é que o mercado diferencia os produtores, uma característica própria das leis de livre concorrência. Quem recebe o leite nas faixas superiores está em outro negócio em comparação a quem está na base da pirâmide de preços.

A introdução da coleta granelizada levou à necessidade de aumento da escala de produção por parte dos produtores, com o benefício de uma remuneração extra pela regularidade e volume de entrega do leite. Assim, as empresas e cooperativas regionais perderam poder local, que era garantido pela forma fracionada de coleta até então prevalecente. As alterações do padrão competitivo do complexo leiteiro têm sido determinadas pelas estratégias agressivas dos grandes conglomerados do setor.

Mesmo reconhecendo que esta realidade tem sua parcela de responsabilidade no crescimento da produção, conferir a ela todo o crescimento é ignorar uma parte importante das mudanças que vêm ocorrendo no mercado. Há produtores tidos familiares e de pequeno

porte que estão produzindo com emprego de tecnologia e tendo lucro econômico, a ponto de competir com outras atividades.

INDUSTRIALIZAÇÃO DE LÁCTEOS

Industrializar é transformar matéria-prima inicial em um novo produto utilizando processos que mudem as características naturais da matéria inicial. A indústria de lacticínios adquire a matéria-prima, processa, produz e vende diversos derivados lácteos.

A indústria de lacticínios fatura cerca de R$ 14,5 bilhões (dados do mercado formal), o que representa 8% da indústria de alimentos no Brasil. No Brasil existe cerca de 1973 lacticínios. MG representa 34,4% dos estabelecimentos, SP 13% e GO 10,4%. (Neves, 2005, p. 11)

A industrialização tem importância vital para a cadeia do leite em todo o país, é responsável pela coleta, transformação do leite para o consumo, respeitando as normas do Ministério da Agricultura, e distribuição para o mercado consumidor, empregando e gerando renda, em diferentes setores da economia.

LEITE INSPECIONADO

A produção e o consumo de lácteos informais é um problema, cuja solução poderia ser a capacitação do pequeno produtor, pela educação do consumidor e por ações fiscalizadoras.
Trata-se de produção de leite sem controle sanitário e sem condições mínimas de higiene exigidas para sua captação seu transporte e comercialização, que, além disso, possibilita a sonegação de impostos, com visível perda de arrecadação de recursos, como também causam desequilíbrio nas condições de concorrência no mercado.
Segundo Olival (2005, p. 73) "A produção informal de leite no país, até agora, tem sido apontada como o mais resistente entrave para a modernização de nossa pecuária leiteira".

Observando a quantidade de leite adquirido pelos lacticínios (Tabela 5) e comparando com a produção total de leite no Brasil (Tabela 2), conclui-se que a comercialização de leite informal diminuiu a partir do ano de 2004, representando 28% do leite produzido no país, se comparada aos 40% dos anos anteriores é um grande avanço na formalidade, uma vez que o Brasil a cada dia ganha novos mercados externos, e vem fiscalizando o setor através da IN 51, que ainda esta esperando adequação dos produtores e laticínios.

Com as novas resoluções do Ministério da Agricultura, a IN 51, vem surgindo uma nova forma de pagamento, aos produtores, e funciona também como um incentivo para produzir leite de qualidade.

Já existe um pensamento no Brasil de se pagar não pelo litro, mas pelos sólidos do leite, que são a proteína e a gordura, como acontece na Nova Zelândia – país que é sempre um exemplo de eficiência e de competitividade. Assim, todo mundo vai ganhar: o fabricante de insumos, que vai vender mais; os funcionários da fazenda, que vão ser melhor remunerados, até porque serão mais exigidos; o produtor, que vai ter uma renda maior; a indústria, que vai ter melhor rendimento; e o consumidor, que vai ter um produto de melhor qualidade, com maior tempo de vida nas prateleiras. (ALVIM, 2006)

Tabela 5 - Quantidade de Leite Adquirido pelos Estabelecimentos de Laticínios sob Inspeção no Brasil –1998/2005 – (milhões de litros/mês)

Mês	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Janeiro	1.084	1.193	1.196	1.277	1.294	1.441
Fevereiro	1.001	1.008	1.048	1.098	1.166	1.251
Março	988	1.060	1.079	1.136	1.158	1.282
Abril	900	1.005	1.061	1.056	1.070	1.263
Maio	902	1.015	1.064	1.048	1.111	1.296
Junho	861	1.049	1.040	1.035	1.103	1.312
Julho	918	1.108	1.064	1.077	1.184	1.356
Agosto	969	1.118	1	1.099	1.185	1.360
Setembro	1.024	1.103	1.059	1.078	1.182	1.332
Outubro	1.123	1.169	1.117	1.171	1.256	1.417
Novembro	1.132	1.177	1.147	1.218	1.349	1.427
Dezembro	1.205	1.208	1.248	1.331	1.443	1.469
T O T A L	**12.108**	**13.213**	**13.223**	**13.624**	**16.866**	**16.206**
Leite informal %	**38,7**	**35,6**	**38,9**	**39,7**	**28**	**n.d.**

Fonte: IBGE: Pesquisa Trimestral do Leite Elaboração em junho/ 2006.

LEITE LONGA VIDA

O volume importado de leite e creme de leite longa vida (*UHT under high temperature*) apresentou queda ininterrupta de 2000 a 2004, havendo uma redução de quase 100%, o que fez sair da segunda para ultima colocação na relação de produtos lácteos importados, segundo os dados do PENSA (2005).

Do total de produtos lácteos industrializados pelas empresas do setor, o UHT representa 57%, seguido pelos queijos, com 14,2% do mix de produtos, aumentando na década de 90 sua participação no total de leite fluido de 4,4% para 71,8%, dados expostos pelo Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial PENSA (2005).

Segundo o PENSA (2005, p. 37) "O faturamento bruto do setor de leite longa vida girou em torno de 5,87 bilhões de reais em 2004 consumindo cerca de 18,8% da população brasileira de leite".

Conforme dados do PENSA (2005, p. 12). "O consumo brasileiro é de 4,4 bilhões de litros de leite *UHT*, e dentro deste consumo São Paulo consome quase 45% desse volume (2,60 bilhões de litros)".

O consumo per capita brasileiro de *UHT* é de 25 litros por habitante anuais, e São Paulo aparece com o maior consumo de *UHT* do país, com 36,76 litros por habitante anuais, (PENSA, 2005). O consumo de leite longa vida representa 35% do consumo de leite fluido no país, e se comparar com o consumo paulista representa 52% da média brasileira.

EXPORTAÇÕES DE LÁCTEOS INDUSTRIALIZADOS.

O Brasil promoveu uma grande virada no setor lácteo, passou de importador para exportador, diga-se de passagem, que há pouco tempo, mas este processo será uma tendência para os próximos anos.

> "[...] o custo de produção do Brasil é competitivo, ficamos abaixo até dos custos dos neozelandeses, os principais exportadores no mundo. Temos área, tecnologia disponível por pesquisadores brasileiros, que já não usam referências estrangeiras. (GRAZIANO, 2005, p. 65)".

O Brasil exportou no ano de 2005 cerca de 1,1% do leite produzido no país, taxa pequena se comparada as taxas dos principais países, no caso do maior exportador a Nova Zelândia que exporta 76% do volume produzido no país, precisa melhorar muito, mas é bom pois, o Brasil não exportava e só importava, e se tudo ocorrer bem e continuar crescendo as taxas de exportação .

Afirma Zurita, (2005, p.65), ”O Brasil está condenado a ser o maior produtor de leite do mundo”.

O principal produto exportado é o leite em pó, atuando com 3,5% do leite em pó comercializado no mundo. O leite em pó é utilizado para o consumo humano, toda via a maior parte é utilizado pela indústria alimentícia em todo o mundo, devido à praticidade de logística e manuseio do produto.

Analisando o histórico de exportações brasileiras, o Brasil apresentou crescimento nas exportações em pequena escala, no ano de 2001, em relação a 2000, o leite em pó, foi o único produto que dobrou o crescimento e continuou o crescimento até o ano de 2005. Os outros produtos, como queijos e requeijão, só a partir de 2003 apresentaram taxas de crescimento mais sensíveis.

IMPORTAÇÕES DE PRODUTOS LÁCTEOS.

Em termos gerais, o Brasil tradicionalmente foi importador, mas nos últimos anos pode-se perceber uma significativa redução (mais de 45%) dos valores importados deste produto (Tabela 06).

Tabela 06 – Importações de produtos lácteos – 1999 a 2005 – Quantidade (mil kg).

Produto	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Leite em pó	193.346	139.032	53.566	113.844	39.402	25.170	34.153
Soro de leite	30.470	43.128	37.447	36.631	25.937	24.022	31.774
Queijos e Requeijão	20.054	15.718	8.028	10.754	5.989	4.045	3.313
Leite in natura	125.495	95.923	39.123	27.560	1.931	672	2.314
Iogurte	486	415	350	15.265	6.788	833	678
Manteiga e derivados	13.818	12.843	2.674	11.278	3.510	1.141	587
T O T A L	**383.669**	**307.059**	**141.188**	**215.332**	**83.557**	**55.883**	**72.819**

Fonte: Epagri/Icepa, 2006.

Em contrapartida esse novo cenário, ocorreu uma abrupta elevação dos valores de exportação dos produtos lácteos: 200% nos dois últimos anos. O Brasil reverte à balança comercial de produtos lácteos a partir do ano de 2004 quando suas importações são menores que as exportações, os produtos que mais se destacam nas importações são o leite em pó e soro de leite.

ANÁLISE ECONÔMICA

O Brasil está se tornando o maior produtor mundial de produtos lácteos e ocupa a quinta colocação, na produção e a segunda no número de vacas leiteiras, possuindo muitos fatores favoráveis para o desenvolvimento deste setor, como extensão territorial, clima e mão-de-obra.

O Brasil no mercado internacional vem se mostrando com grande potencial competitivo, pois possui o menor custo produtivo, e vem se especializando no decorrer dos

anos, mais em, sua maior parte a produção é composta por empresas familiares, que absorvem parte do custo na mão-de-obra, exercendo a atividade como atividade complementar ou ainda por que a atividade remunera mensalmente, possibilitando a manutenção das necessidades básicas em tempo imediato. Ao contrário de outras atividades, como a produção de cereais e pecuária de corte onde o tempo de remuneração é de alguns meses, necessitando de reservas monetárias enquanto esperam a hora de comercializar a produção.

A atividade do setor lácteo passa ciclicamente por crises, como quase todas as *comodities*, operam em livre mercado. Sem dúvida nem todos estão e sempre estarão satisfeitos com a atividade, e muitos vão deixar de produzir leite nos próximos anos, como em qualquer atividade.

Uma vez que o mercado é exigente e seletivo, e irão sobressair-se aqueles que mostrarem melhor desempenho na atividade, e fatalmente o mercado não comportará todos.

Mas o fato é que o leite tem sido uma atividade interessante para distintos perfis de produtores, tendo como prova a produção crescerem a taxas consideráveis há anos, devendo continuar assim por um bom tempo ainda, desde que se consiga colocar essa produção no mercado.

Embora se faça necessário estruturar o setor com políticas publica efetivas que assistam o produtor rural, o principal e mais frágil elo do complexo agroindustrial do leite. Com a as novas exigências sanitárias impostas pelo Ministério da Agricultura, IN51, onde compromete a produção nas pequenas unidades familiares, pois a exigências aumentam o custo, obrigando os produtores se especializarem.

Por outro lado é necessário que o Brasil produza muito, mas isso com qualidade uma vez que desde 2002 vem conquistando espaço no mercado internacional, e a partir de 2004 as exportações ultrapassaram as importações, e a cada ano se consolida nas exportações.

Um fato interessante é a quantidade produzida versus rebanho leiteiro, especificando que mesmo sendo um dos grandes produtores de leite a produção não é especializada, pois possui baixa produtividade frente aos maiores produtores.

O setor lácteo passou por bons momentos a partir de meados do ano 2002 quando as exportações aumentaram, e as importações diminuíram em taxas significativas, porém este quadro, não é uma situação confortável, pois como as importações prejudicaram o ganho com o setor no passado, pode vir a afetar novamente no futuro, e para isso basta o Brasil aumentar os custos produtivos, deixando os paises com maior eficiência produtiva em vantagem no mercado.

Os acontecimentos recentes como estagnação da economia, taxas de juros ainda altas, câmbio sobre valorizado e uma política, onde se busca desesperadamente o controle da inflação, puxando os preços aos produtores para baixo, tendem a descapitalizá-los, diminuindo a competitividade, desestruturando o setor, provocando conseqüências desastrosas em todo o complexo lácteo, que vai muito mais além de produtores e laticínios.

Os setores que acompanham a cadeia Láctea são produtos veterinários, insumos, indústria de equipamentos, indústria de beneficiamento, indústria de embalagens, produção de matrizes, semens e embriões, pesquisas em desenvolvimento do setor, e canais de distribuições, com os exemplos citados, no trabalho, pode-se imaginar a quantia de empregos e movimentação de divisas que o setor gera, evidenciando a importância econômica para o Brasil.

No geral, o segmento de produção primária de leite em Santa Catarina tem apresentado desempenhos satisfatórios nos últimos anos, equivalendo-se, até mesmo, aos principais estados produtores, como Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul.

O que é atribuído principalmente, a um maior nível de especialização dos produtores, embora seja considerado baixo, quando comparado a países como Argentina, Uruguai, Estados Unidos e integrantes da União Européia.

Com certeza a cadeia de lácteos, desde que bem monitorada e com auxilio de governantes locais e também com planos evolutivos, sustentáveis, voltando à atenção para o produtor, e integrando os demais elos do complexo, torna-se uma excelente atividade que traz retorno imediato, mesmo que em pequenos valores, mas uma remuneração constante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O leite é um dos principais produtos da agropecuária em todo o mundo, devido ao seu valor econômico e nutritivo.

O Brasil é um dos maiores produtores mundiais, porém para abastecer a população é necessário importar parte do total consumido.

Este estudo mostrou que nas últimas quatro décadas a produção de leite no Brasil cresceu a taxas superiores ao crescimento da população, causando um aumento da disponibilidade de leite por habitante. Em 2005, essa disponibilidade foi de 70 litros, mesmo com a taxa de crescimento produtivo acima do crescimento populacional o valor é bem menor que o consumo mínimo indicado pelos órgãos de saúde.

O fato é que o consumo de leite no Brasil ainda é muito baixo quando comparado a outras bebidas como a cerveja e o refrigerante, que ainda apresentam custo unitário bem superior ao leite. Isso prova que o baixo consumo de leite não ocorre por falta de dinheiro, mas sim por falta de estímulo. A maneira de se alterar a cultura e aumentar a atratividade do produto é através das ferramentas de *marketing*.

É importante que haja planejamento nas ações, de desenvolvimento do setor, é preciso criar uma mudança nos hábitos alimentares da população para que consumam mais lácteos, principalmente de forma industrializada, os quais são pouco consumidas em todo o mundo.

O estudo mostra também que, a produção leite apresenta-se como fonte de renda extra nas empresas familiares, e de pequeno porte, tornando-se de vital importância criar políticas que estruture, e proteja os produtores, para que produzam, leite de qualidade, obtendo lucro e mantendo se no meio rural, evitando assim o êxodo rural.

O setor passou por momentos difíceis no passado, e conseguiu se recuperar, revertendo à balança comercial de lácteos de deficitária para superavitária e aumentou sua produtividade, por animal ordenhado. Mostra um desenvolvimento considerável, em técnicas produtivas, porém, está muito abaixo dos níveis produtivos dos países desenvolvidos.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. R. de A. **Características do desenvolvimento da agricultura brasileira:** o agronegócio do leite no Brasil. Juiz de Fora: Embrapa-CNPGL, 2001.

ALVIM, Rodrigo Sant'Anna. **IN 51 entra em vigor em 1º de julho.** Minas Gerais, 2006.

ANUALPEC: Anuário da Agricultura e Pecuária do Brasil. www.cna.org.br. Acesso em 04 outubro 2006.

ARAÚJO, Massilon J. **Fundamentos de Agronegócio**. São Paulo: Atlas, 2003.

Associação Brasileira do Leite Longa Vida 2005. www.ablv.org.br. Acesso em 31/11/2006.

CARVALHO, Limirio de Almeida; **Mercados e Comercialização**. EMBRAPA Gado de Leite. www.Embrapa.com.br.

CARVALHO, Marcelo Pereira de. **Porque o leite cresce tanto no Brasil.** Diretor da AgriPoint, 2006. www.agipoint.com.br. Acesso 15/08/2006.

CEPEA/USP; ESALQ. **Centro de Estudos Avançados de Economia Aplicada** www.cepea.esalq.usp.br. Acesso 31/10/2006.

EPAGRI. "**Cadeia Produtiva do leite**". Instituto cepa, 1995. www.icepa.com.br. Acesso em 31/ 10 /2006.
FAEMG; Federação de Agricultura do Estado de Minas Gerais. **Cumprir a In 51 é Dever de Todo Produtor de Leite.** www.faemg.org.br. Acesso em 13/ 11 2006.
FILIPPSEN, Laerte Francisco; PELLINI, Tiago. **Cadeia produtiva do leite:** prospecção de demandas tecnológicas do agronegócio paranaense. Londrina: IAPAR, 1999, 56 p. (IAPAR, Documento 19).
FERNANDES, Elizabeth, Nogueira; BRESSAN, Matheus. **Pesquisadores da EMBRAPA Gado de Leite.** www.Cnpgl. Embrapa.br/leite/santacatarina/ mapeamento.htm. acesso em 08. 04. 06.
FONSECA, L. F. L.; SANTOS, M. V.; PEREIRA, C. C. **Qualidade higiênica do leite:** efeitos sobre a qualidade dos produtos lácteos e estratégia de controle. 2001.
GRAZIANO, Chico; **Brasil na Exportação de Lácteos**. Debate durante a Expomilk 2005. revista Balde Branco. N°490, agosto 2005, p. 64.
GOMES, Sebastião Teixeira**; Diagnóstico da pecuária leiteira em Minas Gerais e no Brasil:** Produção e Consumo, no Brasil e no mundo. Revista Balde Branco, n° 500, junho de 2006, p. 45, Encarte Especial.
FONTE, Loiva Ana Marin da. et al. **Cadeias Produtivas**: estudo da cadeia produtiva do leite no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Fepagro, 1998. n. 3.
HOFFMANN, Rodolfo, et al. **Administração da Empresa Agrícola**. São Paulo: Pioneira 1992.
IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censos Demográficos e Agropecuários.** Rio de Janeiro: IBGE. Vários anos. www.ibge.gov.br. acesso 12/10/2006.
INSTITUTO CEPA/SC. **Síntese anual da agricultura de Santa Catarina 2000-2001**. Florianópolis, 2001. p. 118-128.
INSTITUTO CEPA/SC. Síntese anual da agricultura de Santa Catarina 2002-2003. Florianópolis, 2003. p. 118-128.
JANK, Marcos Sawaya; **China Envolve Muito Mais Que Leite.** Segredos do Crescimento. Revista Balde Branco, n ° 485m, Março de 2005.
JARDIM, Walter Ramos. **Bovinocultura.** Campinas: Instituto Capineiro de Ensino Agrícola, 2001.
LEITE, Zélia Therezinha Custódio, et al**; Departamento de Química Analítica:** Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro, CP 68563, 21949-900 Rio de Janeiro. 2006.
MARCONDES, Tabajara; **Leite - Produção mundial, brasileira e catarinense:** comportamento recente - 21/12/05, informe conjuntural. www.icepa.com.br. Acesso 31 outubro 2006.
NEVES, Marcos Fava; et al; **Gestão de Negócios em Alimentos.** São Paulo: Pioneira Tomson Learning, 2005.
OLIVAL, Alexandre de Azevedo. **Leite Informal:** Entrave à Modernização. Revista Balde Branco, n°489ª, agosto 2005, p.72.
PENSA, Projeto; **Mapeamento e quantificação da cadeia do leite**. Relatório Final. 2005. www.pensa.gov.br. Acesso em 31/10/2006.
SANTOS, Osvaldo Vieira dos. **Considerações sobre os fatores sistêmicos da competitividade da cadeia agroindustrial do leite brasileira e catarinense.** Florianópolis: UFSC, 2001, 176 p. Dissertação (Mestrado em Economia). Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
SOUSA, Joel José de; **Estudos Sobre as agroindústrias em Santa Catarina**: o caso leite e seus derivados em Santa Catarina. Anais – I encontro Sul Brasileiro de Geografia – AGB Curitiba, 2005.

USDA. **United States Departament of Agriculture**. www.usda.gov.br. Acesso em 31/10/2006.
VILELA, Mario H. **Análise Crítica da Agricultura.** Porto Alegre: edipucrs; 1998.
VILELA, D.; CALEGAR, G. M.; BRESSAM, M**. Esboço de Uma Proposta de Projeto Cooperativo:** Alternativas Tecnológicas Para o Desenvolvimento Sustentável e Competitivo da Produção de Leite na Região Centro-Oeste. Seminário Sobre Identificação de Restrições Técnicas, Econômicas e Institucionais ao Desenvolvimento do Setor Leiteiro Nacional – Região Centro-Oeste, 1998, Goiânia. ANAIS... Brasília: CNPq-padct; Embrapa-CNPGL , 1999. p.106-125.
ZURITA, Ivan; **Brasil na Exportação de Lácteos**. Debate durante a Expomilk 2005. Revista Balde Branco. N°490, agosto 2005.